

AS NEUROCIÊNCIAS? ou UMA CIÊNCIA NEURÓTICA?

Com o surgimento do Iluminismo, surge o materialismo mecanicista, chamado a banir as ideias religiosas para colocar a natureza e o homem no centro da cena. Essas ideias estão amparadas no livro do médico e filósofo francês do século XVIII Julien Offray de La Mettrie, "O homem-máquina" (1747). No final do século XIX, os círculos culturais europeus foram movidos pelo forte impacto causado pela descoberta do neurônio por Ramón y Cajal. Mais contemporaneamente, o livro de Pierre Changeux, "O homem neuronal" (1983) buscou relacionar as ciências humanas com uma visão biológica do homem, centrada nas neurociências. Em seu livro esse último procura, unilateralmente, encontrar explicações neurocientíficas para questões humanas. Tudo é explicado pela atividade neural. Nesta linha é fácil assumir a psicose como hereditária. Como outros transtornos mentais: a causa está localizada exclusivamente no nível genético. Do genoma à complexidade astronômica do cérebro, tudo acabaria sendo controlado pela organização neurológica. A partir da década de 1970, o desenvolvimento das chamadas "neurociências" deu origem ao avanço da neurologia no estudo das funções de uma ampla gama de neurorreceptores que colocam o acento, entre outros, na dopamina, serotonina e acetilcolina. Não negamos essas descobertas, mas o corpo a que nos referimos como psicanalistas é o corpo erógeno delineado por um ato de fala que banha o sujeito com significantes que fazem desse corpo um espaço de prazer, alegria ou sofrimento. A pergunta que nos convoca hoje é: onde fica a psicanálise diante do avanço hegemônico das neurociências. De outra forma: como o falante é pensado como efeito de um ato de fala? Qual é a posição do analista diante da abordagem claramente biológica das chamadas neurociências apresentada como única forma de poder dar uma resposta afirmativa aos enigmas existenciais? Nossa aposta é ética e nosso desejo é não recuar diante do negacionismo. Em diferentes universidades de psicologia, os cognitivistas, apoiados nas neurociências, estreitaram fileiras, atacando duramente a presença da psicanálise

em seus claustros. Eles não apenas rejeitam sua invenção como "não científica", mas também questionam seu corpus teórico por considerá-la uma forma de pensar obsoleta. Foi disso que ele se distanciou muito rapidamente. A figura irreverente para a "Ciência" continua sendo a histeria. Foi ela quem questionou o saber médico ao mostrar que as localidades da doença em seu corpo não respondem aos caminhos da anatomia. Sempre que falava através do corpo, questionava enigmaticamente aos anatomistas. Dessa maneira caprichosa, na verdade inconsciente, a histeria abre questões que a ciência não consegue discernir. Também em busca dos importantes conhecimentos conquistados, a neurologia começa a se expandir em um campo de preocupação inicialmente típico da psiquiatria, opinando sobre as descrições da nosologia clássica, apontando que elas só podem ser explicadas por modificações químicas de vários tipos ocorridas nos neurorreceptores. Não se concentram só no estudo de alterações bioquímicas no nível do cérebro, mas todo comportamento pode ser explicado pela biologia molecular como consequência de falhas no metabolismo e na regulação neuronal. Obviamente, o conceito de inconsciente foi excluído em suas descrições. Essa posição avassaladora das neurociências é sustentada pelo desdobramento das psicologias cognitivo-comportamentais como formas de alcançar, com um esquema operacional normativo, diretrizes de ação que modifiquem comportamentos incorretos. Esses planos comportamentais, no melhor modo neo-condutista, buscam realizar a "formatação" daquela informação incorretamente armazenada no cérebro que atrapalha a interação do sujeito com o meio para incorporar outros modos de comportamento que restaurem a homeostase cerebral. Apesar do manejo de técnicas baseadas na sugestão, que buscam seduzir e "ordenar" para alcançar resultados positivos, o fracasso aparece quando o sujeito se revela a essa forma comportamental que acaba sendo uma forma escravizadora de controlar suas ações. O "desconforto na cultura" continua presente de diversas formas apesar dos avanços "científicos" onde parece que as conquistas da tecnologia nos permitem desfrutar de um maior conforto. As neurociências são oferecidas como respostas

modernas que podem acabar com a angústia existencial do sujeito já que ésta é explicada como produto de alterações hormonais e químicas, passíveis de serem resolvidas por meio de medicamentos adequados. Se a "falha" na informação for dada pelo genótipo, é possível atuar sobre o fenótipo. Quando isso não é possível por conta própria, complementam com a colaboração de psicólogos cognitivo-comportamentais dispostos a adaptar o sujeito às demandas do ambiente por meio de uma importante bateria de dicas comportamentais. Os pacientes são submetidos aos supostos saberes de uma ciência que aspira, em sua ilusão neurótica, ter protocolos rápidos de comportamento para tudo que foge da norma. Que diferença há com os recrutadores de almas sofredoras que de várias formas oferecem o conforto de um caminho religioso no qual confiar para encontrar paz e resolução para seus conflitos? Os religiosos procuram convencer o sujeito de que já existe um caminho traçado "Pelo Senhor" e devem aceitar o chamado "Plano de Deus" com a promessa de "outra vida cheia de consolações". Freud aponta "As raízes desse poder estão, pelo menos em parte, em uma inclinação dos seres humanos para a credulidade e o miraculosismo, para fugir da monotonia das leis do pensamento e do exame da realidade e refugiar-se no prazer e nas seduções do disparate" (1933: P.31), o que, ao mesmo tempo, os tranquiliza. Alguns "pastores" religiosos chegam a prometer a solução para doenças graves que dizem poder curar caso se aproximarem do templo que promovem "com fé". Mostram-se superiores ao discurso médico, os efeitos da dita aspiração neurótica caem rapidamente porque a castração opera como um limite para todo sujeito. No entanto, nessa linha, como disse Lacan, as religiões têm melhores sucessos futuros do que a psicanálise na medida em que oferecem a ideia de uma salvação "eterna". Então: O que nos cabe em relação ao futuro da psicanálise? Sendo claro que tanto Freud quanto Lacan negam que seja uma visão de mundo "A psicanálise não é uma Weltanschauung, nem uma filosofia que pretende dar a chave do universo. Ela é regida por um objetivo particular, historicamente definido pela elaboração da noção de sujeito. Ela suscita essa noção de uma maneira nova, conduzindo o sujeito à sua

dependência significativa." (Lacan 1964. p. 85).

Se o sujeito se constitui da operação da falta por um ato de fala, as neurociências, com toda a apologia que fazem dos neurotransmissores, buscam completar a falta apelando para explicações que tentam trazer tranquilidade "científica" ao sujeito na frente ao limite do real. É uma ilusão neurótica querer encontrar a causa eficiente e encontrar todas as respostas nas relações bioquímicas do cérebro quando variantes podem ser produzidas dependendo do discurso que o sujeito está passando. Uma espécie de fantasma poético esperando que os homens encontrem o oitavo dia que lhes permita responder a todos os enigmas. Não recuar diante da realidade não significa colocar-se em uma posição mística. Trata-se de sustentar nossa prática pautada pelo ato ético na direção da cura. Não temos que responder a ouvidos tolos. Dizendo de Lacan "...a psicanálise deve ser levada a sério, mesmo que não seja uma ciência...o chato é que não é uma ciência porque é irrefutável. É uma prática." (S. XXV 15/11/1977). Como dizia Dom Quixote: "Se os cachorros latem...".

Referencias bibliograficas

Changeux, P. (1983) *El hombre máquina* Boletín de la Sociedad Mexicana de Historia y Filosofía de la Medicina. 2009.

Freud, S. (1895) *Proyecto de una psicología para neurólogos*. (1950 [1895]) Amorrortu Editores. Volumen 1. Buenos Aires. 1982.

Freud, S. (1930) *El malestar en la cultura* (1930 [1895]) Amorrortu Editores. Volumen 21. Buenos Aires. 1979.

Freud, S. (1933) *30ª Conferencia. Sueño y ocultismo*. Amorrortu Editores. Volumen 22. Buenos Aires. 1979.

Lacan, J. (1953) *Función y campo de la palabra y el lenguaje*. Lectura estructuralista de Freud. Siglo XXI Editores. México DF. 1971.

Lacan, J. (1964) Seminario 11 *Los cuatro conceptos fundamentales en psicoanálisis*. Editorial Paidós. Bs. As. Argentina. 1987.

Lacan, J. (1977) Seminario 24 *L'Insu...* Versión inédita. Clase del 15/03/77

Lacan, J. (1977) Seminario 25 *El momento de concluire*. Versión inédita. Clase del 15/11/77

La Mettrie, J.O. (1747) *El hombre máquina*. Cambridge University Press de La Mettrie, *Machine man and other writings* (Thomson, trad.). (Hardback version transferred to digital print. edition). 2003.